

*The Shape of a Circle
in the Dream of a Fish*

26-27 Novembro 2022
Galeria da Biodiversidade

PREÂMBULO



Fotograma de *A Pufferfish's Masterpiece*, 2017
Episódio de *Big Pacific: Mysterious*, de Craig Meade e Andrew Murray
Créditos PBS LearningMedia, Coleção Ciência Marinha

No fundo do mar, um pequeno peixe-balão (*Torquigener albomaculosus*) realiza um trabalho de amor, desenhando com o seu corpo um complexo círculo de areia, preciso na sua geometria, incrível na sua estética. Que forma assume esse círculo antes de ser feito? Como compreender o movimento que o constitui como uma espécie de linguagem e o que implica quando se considera a consciência e a comunicação numa paisagem interespecies?

INTRODUÇÃO

O que é um sentido de si mesmo, quando as paisagens e os seres existem em coevolução e coabitação? Que maneiras desenvolvemos para nos sintonizarmos com as várias experiências intraduzíveis e modos de ser incognoscíveis? Como investigamos se as montanhas sonham conosco como nós sonhamos com elas? Se sabemos que o humano tem entre três e oito sonhos por noite, quantos são os sonhos multiespécies que moldam as noites do nosso mundo? Será que os peixes sonham com eles próprios? Será que as borboletas têm sonhos lúcidos? Será que as ovelhas elétricas são realmente aquilo com que os andróides sonham?

Investigando como a magia, a arte, a ciência e os sonhos se constituem uns aos outros e se manifestam em todos os seres, o festival *The Shape of a Circle in the Dream of a Fish* reside nas práticas espirituais, criativas e científicas que nos convidam a reavaliar a forma como partilhamos este planeta com todas as criaturas e formas de vida.

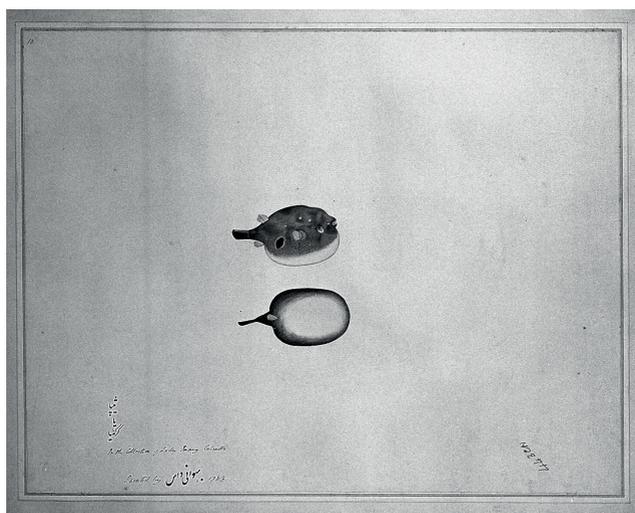
The Shape of a Circle in the Dream of a Fish celebra a relação entre magia e ciência como modos complementares de descobrir, compreender e moldar o mundo, nós próprios e os outros. Explora também o papel que os sonhos desempenham nas nossas vidas, abraçando-os como experiências de sono e zonas limiáres em que o cogito e o onírico coexistem. Ao fazê-lo, o festival reúne arquitetos, artistas, historiadores, filósofos, músicos e cientistas para partilhar os seus conhecimentos e contar as histórias que celebram o emaranhado entre o eu, a mente e o planeta.

The Shape of a Circle in the Dream of a Fish começa com uma reunião de dois dias no Porto e continuará em Londres e online, através de podcasts, vídeos e outros lançamentos até ao início de 2023.

The Shape of a Circle in the Dream of a Fish é organizado em colaboração com o projeto General Ecology da Serpentine Galleries. É o quinto da série do festival *The Shape of a Circle in the Mind of a Fish*, que reflete sobre inteligência, senciência e existência através de mundos mais do que humanos. Edições anteriores abordaram consciência animal, humana e artificial, linguagem e comunicação entre espécies (*Language*, ZSL London Zoological Society, maio de 2018); diversidade interior, organismos coletivos, simbiose e entrosamento (*We Have Never Been*

One, Ambika P3, Universidade de Westminster, dezembro de 2018); senciência, inteligência e comunicação das plantas com o mundo vegetal e formas de erotismo, misticismo e cura (*PLANTSEX* and *With Plants*, Cinema Lumière/Instituto Francês e Earth Hackney, abril/maio de 2019); e a fervilhante e intrincada vida do chão, terra, solo e Terra (*The Understory of the Understory*, online no website criado especialmente para o efeito themind.fish, em dezembro de 2020).

A série *The Shape of a Circle in the Mind of a Fish* tem a curadoria de Lucia Pietroiusti (Fundadora, Projeto Geral de Ecologia e Assessora Estratégica, Ecologia, Serpentine Galleries) e Filipa Ramos (Diretora Artística, Galeria Municipal do Porto). As edições 1 a 4 foram co-curadas e produzidas com Kostas Stasinopoulos (Curador, Programas Públicos, Serpentine Galleries) e Holly Shuttleworth (Produtora).



Peixe-balão: vista lateral e ventral, Bhawani Das, 1783.

Inscrição inclui nome do artista e nome local para o peixe ('Tipa' e 'Kar Kitiya') em escrita árabe. O artista Bhawani Das foi formado em pintura em miniatura Mughal e encomendado para fazer estudos extensivos de história natural em Calcutá. Da coleção de Lady Impey, Calcutá. Wellcome Collection, Londres, Domínio Público

SÁBADO 26 NOVENBRO

15:00 - 17:30

12 Dreams as Coral Hair, Yussef Agbo-Ola (Olaniyi Studio)

Boas-vindas, Lucia Pietroiusti e Filipa Ramos

A Fish's Sense of Self, Alex Jordan

How to Dream Better, Federico Campagna

Restless Souls and Porous Bodies: Dreaming between Animals, Demons and Humans in Antiquity, Sophie Lunn-Rockliffe

Pausa

18:00 - 20:15

Untitled Kingdom, Onome Ekeh

As Above, So Below, Rain Wu

Conversa com Yussef Agbo-Ola, Alex Jordan, Federico Campagna, Sophie Lunn-Rockliffe, Onome Ekeh and Rain Wu

Pausa

22:00

Aura, Hatis Noit

DOMINGO 27 NOVEMBRO

16:00 - 18:15

Boas-vindas, Filipa Ramos e Lucia Pietroiusti

And yet, it's not hopeless, Nahum

Teaching Old Jays New Tricks, Nicola S. Clayton

All is Leaf, programa de screenings

Pausa

18:30 - 19:15

The Back of Five, Cru Encarnação

A pulsar / em permanência todo o fim de semana

Aura, videoinstalação de Hatis Noit

não no corpo, mas na cabeça
não na cabeça, mas no corpo

mas no corpo, não na cabeça
mas na cabeça, não no corpo

o não no corpo, mas na cabeça
o não na cabeça, mas no corpo

no não corpo, na não cabeça
na não cabeça, no não corpo

corpo no não, mas não no corpo
cabeça no não, mas não na cabeça

corpo na cabeça, mas não no corpo
cabeça no corpo, mas não na cabeça

o não corpo, o não cabeça o não
cabeça, o não corpo

SÁBADO 26 NOVEMBRO

A Fish's Sense of Self, Alex Jordan

Os bodiões-limpadores (*Labroides dimidiatus*) são pequenos peixes que vivem em recifes de coral, onde têm vidas sociais complexas, formando lealdades e inimizades, fazendo inferências lógicas sobre se vão vencer outros peixes em lutas e demonstrando a capacidade de enganar. Expondo bodiões-limpadores ao teste do espelho, uma técnica comportamental tradicionalmente associada ao autorreconhecimento visual, o biólogo evolucionista Alex Jordan e a sua equipa do Instituto Max Planck questionaram não só os limites, critérios e regras humanas para a compreensão de outros animais, mas também o que é o sentido de individualidade entre outros seres e espécies. Aqui, Jordan partilhará as suas perguntas iniciais e algumas das suas conclusões atuais neste projeto em curso.

How to Dream Better, Federico Campagna

“Um dia eu, Zhuangzi, sonhei que era uma borboleta, esvoaçando aqui e acolá, para todos os efeitos, uma borboleta. Estava consciente apenas da minha felicidade como borboleta, sem saber que eu era Zhuangzi. Pouco depois despertei, e ali estava eu, de novo. Eu não sei se era então um homem a sonhar que era uma borboleta ou se sou agora uma borboleta a sonhar que sou um homem. Entre um homem e uma borboleta há necessariamente uma distinção. A transição chama-se a transformação de coisas materiais.”

Com esta curta parábola, Zhuangzi, sábio taoísta do século IV a.C. deu forma literária perfeita a uma intuição que remonta ao início da mitologia: que este mundo é um sonho e as suas criaturas vivas as suas personagens. Desde então, filósofos, teólogos e cientistas têm investigado o mistério de a quem poderá pertencer este sonho, enquanto escritores e artistas têm proposto uma forma visível para a “sonhabilidade” fundamental do nosso mundo.

No entanto, na nossa vida quotidiana, a irrealidade da realidade e a ficcionalidade do mundo permanecem pouco mais do que um paradoxo tardio. Como poderíamos viver, e como nos deveríamos comportar, se levássemos a sério a possibilidade de vivermos dentro de um sonho e de termos mais em comum com personagens fictícias do que com algo autenticamente “real”?

“Num tempo passado, nasci um rapaz e uma rapariga, um arbusto e uma ave, e um peixe obtuso a saltar para fora do mar”. O filósofo grego Empédocles escreveu de modo visionário sobre as suas múltiplas vidas passadas. O poeta romano Quinto Ênio sonhou que Homero lhe apareceu a declarar que se tinha tornado um pavão. A ideia de reencarnação era intrínseca a importantes partes da poesia clássica, da filosofia, da teologia e da magia grega e romana. Numa lâmina órfica em ouro encontrada no sul de Itália, uma alma fala diretamente aos leitores como se tivesse asas: “Voei para fora do doloroso ciclo de profunda mágoa”, talvez aludindo à forma como escapou ao processo implacável da reencarnação. Pensava-se que as memórias de vidas anteriores encarnadas surgissem nos sonhos, tanto enquanto revelações — como a de Homero a Ênio — como enquanto memórias ténues do nosso próprio passado. Na vida quotidiana, o medo de que os corpos dos animais pudessem conter a alma de um parente ou amigo querido era um argumento poderoso a favor do vegetarianismo. Esta noção de um ciclo de reencarnação entre espécies foi combatida pelos contemporâneos, e mais tarde pelos teólogos cristãos, como ridícula e problemática. Tertuliano ridicularizou Empédocles por sonhar que tinha sido um deus e um peixe: “Porque não antes um melão? Ou um camaleão?” Pensava-se que o Evangelho tinha sido pregado aos animais e que, uma vez mortos, os corpos humanos, as suas almas seriam julgadas e castigadas ou recompensadas para todo o sempre. Mas apesar da sua resistência à noção de reencarnação, os cristãos continuavam a preocupar-se e a sonhar com o cruzamento de corpos e espécies. Pensava-se que demónios malignos, compostos por uma substância fina e leve, semelhante à substância da alma, desejavam penetrar nos corpos humanos e que, uma vez no seu interior, os fariam comportar-se como animais; Paulino de Nola descreve um homem cujo corpo está inchado por um demónio ganancioso que o obriga a roubar galinhas e a comê-las cruas, com penas e tudo. Os demónios eram também excelentes transfiguradores e semeadores de pensamentos malignos, peritos em assumir disfarces ilusórios como animais e humanos e em entrar nos sonhos dos humanos para seduzir e aterrorizar, como revelou Atanásio no seu relato da vida do asceta Antão no deserto. Esta apresentação irá considerar as múltiplas formas como as almas e os demónios foram considerados como locatários móveis e inquietos de diferentes tipos de corpos, eles mesmos altamente porosos e penetráveis, e como os indivíduos foram capazes de recordar, sonhar e imaginar outras vidas noutros corpos e enquanto outros tipos de criaturas.

Untitled Kingdom, Onome Ekeh

Irei apresentar um excerto do meu romance gráfico *Untitled Kingdom*, um projeto em curso. *Untitled Kingdom* pode ser descrito como um conto realista mágico que explora o poder e a geopolítica através da lente espectral do xamanismo ao longo de um turbilhão de linhas temporais alternativas. Inspira-se em igual medida nas mitologias da África Ocidental, na política da Guerra Fria e nas antologias da moda, entre outras influências. A história decorre num orfanato de guerra no Biafra, dirigido por freiras católicas, segregado na floresta de Bayelsa, nas profundezas do Delta do Níger. Odu, a nossa heroína corajosa e astuta, prega uma partida que provoca a ira das freiras, e tem de fugir para a Floresta Profunda, lar não só de criaturas místicas, mas também de caçadores de poder político, que representam ameaças em tempo real. Cada ação e interação neste reino traz consequências sísmicas para o mundo exterior. Odu acaba não só por desvendar o mistério do orfanato, como também descobre novas linhas de tempo e altera as que já existem.

As Above, So Below, Rain Wu

Durante a sua apresentação, a artista e arquiteta Rain Wu seguirá os alimentos, do passado ao presente e futuro, e da escala micro à escala macro — a refeição, o assentamento, a paisagem, o cosmos, até ao microbiano e viral nas nossas entranhas e no ar — a fim de descobrir uma nova perspetiva do nosso mundo.

Aura, Hatis Noit

A artista Hatis Noit combina sonoridades ancestrais, místicas e contemporâneas, assim como referências ecléticas que vão do canto gregoriano ao gagaku japonês. Os seus concertos criam experiências intensas, tanto luminosas quanto sombrias, em que a força, o poder e a vulnerabilidade da sua voz alternam e se complementam de forma expressiva, comovente e imersiva.



Rain Wu e Mariana Sanchez Salvador, fotograma do filme-ensaio *Above, So Below*, 2020

DOMINGO 27 NOVEMBRO

And yet, it's not hopeless, Nahum

O artista e músico Nahum irá apresentar uma leitura ao vivo do seu último projeto, *Stories From Home*. Neste projeto, a Terra partilha as suas histórias com narrativas poéticas escritas por inteligência artificial e baseadas em dados de satélite para inspirar a compaixão ecológica.

Como podemos criar narrativas com significado sobre as mudanças na Terra nas últimas décadas? Que histórias surgirão se dermos voz ao mundo mais-do-que-humano? Como pode a poesia ser incorporada em histórias geradas por algoritmos? O que podemos aprender da conversa entre um rio e uma montanha? O que são os gritos do vento e os sussurros de uma floresta em chamas? *Stories From Home* revela a multiplicidade de histórias que escapam ao olhar humano, ligando a intimidade individual ao fluxo global de mudança e à atividade das máquinas.

Stories From Home procura gerar compaixão ecológica num momento crucial para o planeta. Discutir o impacto da atividade humana no mundo é provavelmente a conversa mais urgente que precisamos de ter em qualquer setor da sociedade. Com este projeto, Nahum pretende despertar a bondade e uma nova apreciação do mundo mais-do-que-humano.

Teaching Old Jays New Tricks, Nicola S. Clayton

Nicola S. Clayton tem vindo a comprovar as incríveis capacidades das aves — em particular dos gaios e outros corvídeos — em memorizar em memorizar, planear, viajar mentalmente no tempo e até adivinhar o que vai na cabeça de outras pessoas. Adotando os peculiares métodos e metodologias da magia — que envolvem ilusão, faz-de-conta, engano e uma rica linguagem corporal — a psicóloga cognitiva e a sua equipa na Universidade de Cambridge têm trabalhado para e com aves, ajudando-nos a compreender quão desenvolvidas são as suas capacidades perceptivas, cognitivas, mnemónicas e expressivas.

All is Leaf, programa de screenings

Derek Jarman, *A Journey to Avebury*, 1973
Filme Super 8mm, cor, som, 10:00 min.

Apresentado como uma digitalização 2K com faixa de música por Coil

O filme *A Journey to Avebury* de Derek Jarman induz uma experiência hipnagógica de imersão na paisagem, em que o pictórico, o real e o vivido se tornam elementos indistinguíveis do mesmo movimento de caminhar ao longo de um campo de formas ancestrais e terras rurais. Avebury, onde existe um dos maiores conjuntos de antas do período Tardo-Neolítico (Século XVIII a.C.) — um templo ao ar livre dedicado a rituais de fertilidade — é representado pelo artista como um local atemporal e onírico, uma sensação potenciada pelos sons eletrônicos e ritualísticos de Coil.

Rosalind Fowler, *all is leaf, so to amplify the wonder*, 2020
Filme 16mm e video digital, cor, som, 12:55 min.

Uma obra fílmica que reflete sobre uma série de viagens conduzidas por artistas para encontrar ervas sagradas tradicionais que crescem na natureza na cooperativa de cultivo Organiclea, próxima de Epping Forest, em Londres, no verão de 2019. Estes encontros/performances participadas centraram-se numa instalação escultórica criada no terreno, em colaboração com a artista/arquiteta Cláudia da Palma Romão – as cores primárias e as formas geométricas atuam em conjunto com sons para despertar e expandir a percepção. Neste cenário atmosférico, uma série de cartas de orientação herbácea feitas por artistas e um objeto escultórico giratório formaram a base para um ritual coletivo de adoração da planta a ser experienciado nesse dia. Trabalhando em conjunto com a terapeuta do som Nicole Bettencourt Coelho, a herbalista Rasheeqa Ahmad e a coreógrafa Fernanda Muñoz Newsome, os encontros criaram um espaço para os jardineiros locais e outros passarem tempo na presença de certas plantas no local. Inspirados pelo mito, folclore, astrologia e propriedades curativas das ervas, cada encontro foi realizado de uma forma diferente. O trabalho foi influenciado pela pesquisa e interesses da artista no herbalismo sensorial, cosmologias xamânicas, ciência goethiana, folclore vegetal e mito.

Himali Singh Soin, *Ritual Telepathy at the Relic Chamber*, 2019
Vídeo HD, cor, som, 07:11 min.

É uma noite de lua cheia num dia Poya, na estupa Ruwanwelisaya, no Sri Lanka. Os monges envolvem a estupa – de cerca de 300 m de diâmetro, que contém uma relíquia da clavícula de Buda dentro do seu núcleo impermeável – em tiras de pano, representando as camadas da vida. Talvez estejam a vestir Buda num hábito, talvez estejam a envolver um livro sagrado, ou a criar um véu para um renascer, para uma vida póstuma. As imagens focam-se no quadro natural formado pelos homens que se apoiam na estupa, à medida que envolvem a sua base, mantendo-a em tensão com a força igual e oposta que envolve a esfera. O que acontece enquanto esperamos pelo pano? Podemos sonhar coletivamente? Podemos suportar o peso juntos? Mover, segurar, esperar, descansar. É nesse potencial que grande parte do vídeo assenta. Entretanto, uma figura do futuro serve como testemunha desta cerimónia, passando por uma transformação própria. Mesmo carregando um coco de prata artificial, o manto refletor da figura cintila na luz, recordando-nos a ligação cintilante

entre quietude e movimento: “As paisagens brilham quando reúnem ritmos partilhados através de várias formas de vida. O brilho descreve a focagem e a desfocagem dos nós multiespécies, com os seus efeitos de cascata. Para seguir estes ritmos, precisamos de novas histórias e descrições...” (retirado de *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*, Deborah Bird Rose). O som move-se entre uma nave espacial que gira e o toque de um gongo, proveniente de arquivos encontrados, que equilibram os biorritmos e regulam os ciclos do sono e do despertar.

Mariana Caló and Francisco Queimadela, *Palomacia*, 2022
Filme 16mm transferido para 2K, cor, som, 05:23 min.

Palomacia é um breve filme feito a partir da gravação de duas pombas brancas numa relação espacial com dois espelhos, em jogos de multiplicação, voos, bater das asas e pormenores da fisionomia. Em voz off, ouvimos um texto do filósofo Michael Marder, lido pelo próprio. Este texto, que foi regravado para este filme, é um fragmento da palestra *Plant Diplomacy, or on the Vegetal Fold* e gira em torno das relações de diplomacia nas plantas e da ideia da dobra como um espaço primordial para o exercício da diplomacia. O filme propõe uma metamorfose entre o aparecimento de pombas brancas, símbolos da paz, com as suas asas dobradas sobre si mesmas, e as descrições do comportamento das plantas como mediadores dos ecossistemas.

Texto / voz off de Michael Marder

Ben Rivers, *Ijen / London*, 2022
Filme 16mm, cor, som, 06:42 min.

Uma curta feita em preparação para uma longa-metragem, intitulada *After London*, onde uma jovem mulher vai em busca da mítica cidade de Londres. Na sua viagem, chega a um vasto pântano tóxico, que lança fumo e resíduos químicos, chamadas sulfurosas que emergem da terra morta. Em busca de inspiração, pesquisei paisagens tóxicas e encontrei o vulcão Ijen, em Java Oriental. Desci até à cratera e filmei a mina de enxofre, onde trabalham algumas pessoas em condições muito duras, recolhendo enxofre para diferentes usos. As filmagens de teste que fiz tornaram-se um filme, acompanhado pelo poema *The Autumn of the World* de Herbert Read.

Dominique Knowles, *Tablequah*, 2019
Video HD, cor, som, 12:07 min

O trabalho de Dominique Knowles move-se através do arquetípico e avança como uma expressão incrivelmente específica de companheirismo interespécies. Simultaneamente possuindo uma linguagem aparentemente privada, o seu carácter monumental revela que a obra é gerada a partir de conhecimentos primordiais, indo buscar a sua força ao movimento informe e fluído do ritmo ilimitado. A sua poética é épica em escala, com uma cadência íntima que flui

e se retrai em sub-realidades. Há uma simbiose de narrativa confessional e lírica emocional, que funciona como um terreno suave para para uma figura central de desejo queer, luminoso e erótico. A saudade romântica alimenta uma absorção empática num espaço pulsante de vivacidade. A estética de consistente ressonância da dor humana e animal é redentora. Através da alquimia, há esperança de renascimento à medida que a sua atmosfera ocre respira calor pré-natal e uma propensão para meditações sobre consciências ancestrais. Esta visão aberta e desinteressada das relações entre seres é mais do que um sonho agradável de uma bela ecologia. Os desafios desta cosmologia estão profundamente ligados à contemplação solene do que é a natureza, como é que alguém mantém a qualidade de vida do outro e qual a capacidade de se ser uma doula paliativa que faculta uma forma de morrer com dignidade e graça.

The Back of Five, Cru Encarnação

No lado direito da tiragem do Tarot da Cruz Celta encontramos “Esperanças e Medos”. Se não respeitarmos os medos, as ansiedades e a dor que carregamos, não estaremos suficientemente equipados para compreender as nossas motivações quando analisamos o mundo à nossa volta. Estes fantasmas fugazes participam na nossa significação, organização e conceptualização da matéria e do seu entrosamento com o significado. Mas nós suprimimo-los para alimentar a crença de que estamos sob controlo total. Esta performance cria um espaço para a fantasia da falta de controlo e do jogo de truques entre o conhecido e o desconhecido. Ilumina os agentes secretos que têm estado presentes no nosso aparato científico: a ação não-humana ou o nosso lado sombra que se infiltrou nas lacunas do que foi prometido ser um “vácuo” esterilizado de objetividade. As lições retiradas de tradições e práticas mágicas ajudam-nos a abraçar esses acidentes ou acontecimentos incompreensíveis e a transformá-los em elementos de relevância teórica e prática para a investigação científica. O vale de estranheza entre “nós” e o nosso “ambiente” revela a natureza condenada desta divisão. Uma vez revelada esta separação e o mito do controlo, testemunhamos a fragilidade de um corpo, desligado do seu ambiente, vivendo sob o pesadelo fatalista da falta de controlo. Um caminho circular induzido pela hipnose dá-nos acesso às forças ocultas que não só influenciam a nossa compreensão de nós próprios, do mundo material que nos rodeia e da nossa prática científica, mas que também moldam os nossos mecanismos de ilusão. Com a apresentação de um sonho de Natalie Mariko.

A pulsar / em permanência durante o fim de semana
Aura, videoinstalação de Hatis Noit

O vídeo musical *Aura* foi criado como parte do projecto 縁: *Tracing The Circle* com o estúdio The Light Surgeons. O vídeo recorre ao arquivo do British Film Institute (BFI) e à inteligência artificial. Justapondo a coleção de filmes



O Sonho da Razão Produz Monstros

Água-tinta por Francisco Goya, 1796/98.

Wellcome Collection, Londres, Domínio Público

recentemente restaurados do Japão do início do século XX do BFI a imagens do país nas décadas de 1990, 2000 até aos dias de hoje, o vídeo centra-se na relação da humanidade com a natureza e o ambiente construído, mapeando o contraste entre as tradições antigas ainda prevalentes e a modernidade extrema.

Sonho
Eileen Myles

todos os animais eu sou.
todos os sonhos, todas as pedras
todas as mensagens eu sou.

Excerto de *Dream*, 2013

O episódio um da temporada trinta e oito da série *Nature* da PBS, *Octopus: Making Contact*, prometeu aos telespectadores uma viagem rara à vida interior dos polvos, anunciada como “o contacto mais próximo que podemos ter com um extraterrestre”. A estrela do documentário de uma hora é Heidi, uma fêmea de polvo-diurno (*Octopus cyanea*) que vive com o narrador, David Scheel, um biólogo da Universidade Alaska Pacific. Ao contrário da maioria dos polvos em cativeiro, Heidi não vive nem num aquário nem num laboratório, mas na residência de Scheel em Anchorage e é uma mistura encantadora de colega de casa, animal de companhia, e assistente de investigação. [...]

Quase no fim do documentário, enquanto vemos Heidi a dormir no seu tanque, Scheel relata: “Ontem à noite, testemunhei algo que nunca antes tinha visto gravado.” O que se segue é uma filmagem empolgante de um minuto. Começa com Heidi a descansar pacificamente. Após alguns segundos, a sua pele ilumina-se, exibindo uma sequência de padrões dramáticos e multicoloridos, cada um mais hipnotizante que o anterior. O “algo” a que Scheel se refere pode ser o sonho de um polvo. Ele depois descreve cada uma das sequências de Heidi, observando como “quase que se podem narrar as mudanças do corpo e narrar o sonho”. [...] As suas sequências de sono eram espantosas, um verdadeiro caleidoscópio corporal. Mas que significado poderiam ter? E por baixo destes alinhamentos de cor e textura, o que será que pensava ou sentia Heidi? [...]

Como Elizabeth Preston argumentou no *New York Times*, “[U]m polvo não tem quase nada que ver com uma pessoa. Por isso como é que alguém pode realmente dizer com exatidão o que Heidi estava a fazer?” E em termos gerais, o que é que se passa na mente dos animais não humanos quando dormem? [...] Será que também experienciam as penetrantes visões noturnas dos humanos, que Shakespeare descreveu como “as crianças de um cérebro ocioso?” Ou será que as suas mentes simplesmente caem num vazio psíquico em que nenhuma experiência consciente se instala? Poderão outros animais — não apenas polvos, mas também papagaios, lagartos, elefantes, corujas, zebras, peixes, marmotas, cães, e outros — sonhar? Se sim, o que é que isto nos diz sobre quem são estas criaturas e a forma como habitam este mundo?

A Descendência do ser humano
Charles Darwin

Pode-se admitir que nenhum animal é autoconsciente, se com esse termo estiver implicado que ele reflete em questões tais como de onde vem e para onde vai, ou o que é a vida ou a morte, e assim por diante. Mas como podemos estar certos que um velho cão com uma excelente memória e algum poder de imaginação, conforme demonstrado pelos seus sonhos, nunca reflete sobre os prazeres e dores vividos nas caçadas? Isso seria uma forma de autoconsciência.

Excerto de *A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo*, 1871, (New York: Prometheus Books, 1998a)

Sonhos dos animais
Margaret Atwood

Em geral, os animais sonham
com outros animais cada um
de acordo com o seu tipo
(ainda que certos ratos e pequenos roedores
tenham pesadelos com uma enorme forma que,
cor-de-rosa e com cinco garras, sobre eles desce)

: as toupeiras sonham com a escuridão e a delicadeza
dos cheiros de toupeira

os sapos sonham com sapos
verdes e o dourados
cintilantes como sóis húmidos
entre os lírios

peixes às riscas

vermelhas e pretas, de olhos abertos
têm sonhos
às riscas vermelhas e pretas
defesa, ataque, padrões
significativos

pássaros sonham com territórios
delimitados por cânticos.

Por vezes os animais sonham com o mal
sob a forma de sabão e metal
mas sobretudo os animais sonham
com outros animais.

Excerto de *Procedures for the Underground* (Oxford: Little,
Brown and Company and Oxford University Press, 1970)

E se um peixe passar o teste da marca?

Alex Jordan

A capacidade de identificar e reconhecer uma imagem refletida no espelho como auto-reconhecimento (*Mirror Self Recognition*, MSR) é considerada uma condição da cognição entre espécies. Embora existam relatórios de MSR em mamíferos e aves, a sua ocorrência não é conhecida em qualquer outro grupo taxonômico. Um limite potencial à capacidade de testar o MSR noutras taxonomias prende-se com o fato que a experiência reconhecida, o teste da marca, exigir que os animais exibam testes de contingência e comportamento auto-dirigido. Estes comportamentos podem ser difíceis de interpretar em animais taxonomicamente divergentes, especialmente os que não possuem a destreza (ou os membros) necessária para tocar numa marca. Aqui, mostramos que um peixe, o bodião-limpador (*Labroides dimidiatus*), mostra um comportamento que pode ser razoavelmente interpretado como passando por todas as fases do teste da marca: (i) reações sociais em relação ao reflexo, (ii) comportamentos idiossincráticos repetidos em relação ao espelho, e (iii) observação frequente do seu reflexo. Quando, subsequentemente, recebem uma marca colorida num teste de marca modificada, os peixes tentam remover a marca raspando o seu corpo na presença de um espelho, mas não mostram qualquer resposta para marcas transparentes ou para marcas coloridas na ausência de um espelho. Esta descoberta notável apresenta um desafio à nossa interpretação do teste da marca — aceitamos que estas respostas comportamentais, que são tomadas como prova de auto-reconhecimento noutras espécies durante o teste da marca, nos permitem concluir que os peixes são autoconscientes? Ou será que preferimos decidir que estes padrões de comportamento assentam num processo cognitivo diferente do auto-reconhecimento e que os peixes não passam o teste da marca? No primeiro caso, o que significa esta conclusão para a nossa compreensão da inteligência animal? No segundo, o que significa isto para a nossa aplicação e interpretação do teste da marca como uma métrica para as capacidades cognitivas dos animais?

Excerto de Masanori Kohda, Takashi Hotta, Tomohiro Takeyama, Satoshi Awata, Hirokazu Tanaka, Jun-Ya Asai, Alex L Jordan, *If a fish can pass the mark test, what are the implications for consciousness and self-awareness testing in animals?*, *Plos Biology* (February 7, 2019)

Um sonho, então, é um sinal de um movimento entre dois reinos — e também um símbolo: de quê? Do ponto de vista celeste, o sonho simboliza a terra; do ponto de vista terreno, simboliza o céu. Um sonho, portanto, ocorre quando — simultaneamente, mas com diferentes ordens de clareza — ambas as margens da existência ganham consciência. Podemos dizer, então, que um sonho acontece sempre que atravessamos de uma margem para a outra; mas pode ser mais preciso dizer que o sonho acontece sempre que a nossa consciência abraça o limite da travessia e, portanto, sustenta a dupla perceptividade que ocorre sempre que sonhamos levemente ou nos mantemos sonolentos. Pois é aí que todos os sonhos significativos ocorrem: no sonho ligeiro ou na súbita separação da realidade acordada comum. Existem, é verdade, outros fenômenos possíveis do reino invisível. Mas para que tais fenômenos ocorram em nós, é necessário que ocorra algum choque interior poderoso, alguma separação essencial de si próprio — como se fosse mergulhado num crepúsculo de consciência em que vaguearíamos pelas fronteiras dos dois mundos mas não teríamos o poder de penetrar profundamente em nenhum deles.

Excerto de *The Spiritual Structure of Dreams*, 1922. Re-impreso em Pavel Florensky, *Iconostasis*, trad. Donald Sheehan and Olga Andrejev (Crestwood: St. Vladimir's Seminary Press, 1996)

O Jardim e a Noite
Sophia de Mello Breyner Andresen

Entre os canteiros cercados de buxo,
Enquanto subia e caía a água do repuxo,
Murmurei as palavras em que outrora
Para mim sempre existia
O gesto dum impulso.
Palavras que eu despi da sua literatura,
Para lhes dar a sua forma primitiva e pura,
De fórmulas de magia.

Excerto de *O Jardim e a Noite, Poesia* (Lisboa:
Editorial Caminho, 1944)



A história das bruxas e dos feiticeiros: dando um relato verdadeiro de todos os seus julgamentos em Inglaterra, Escócia, Suécia, França e Nova Inglaterra; com a sua confissão e condenação

Recolhida de Bishop Hall, Bishop Morton, Sir Matthew Hale, etc. Por W.P. (London: T. Norris, 1720).

Wellcome Collection, Londres, Domínio Público

BIOGRAPHIES

Alex Jordan lidera o grupo de investigação de Evolução Comportamental no Departamento de Comportamento Coletivo do Instituto Max Planck, em Munique. Jordan estuda a evolução do comportamento social em animais, com foco em peixes ciclídeos e aranhas sociais, a fim de compreender como os indivíduos se unem para formar grupos sociais estáveis, e a evolução dos mecanismos comportamentais, cognitivos e neuroanatômicos para facilitar a vida em grupo.

Ben Rivers é artista e cineasta experimental, com cerca de 40 filmes realizados até à data. A sua obra traça uma linha entre o documentário e a ficção, focando-se em figuras que se afastam da norma dominante, propondo narrativas oblíquas e existências alternativas.

A prática de Cru Encarnação move-se entre a performance, a escrita e a tradução, abordando conceitos socialmente construídos, através de um *modus operandi* dissociativo, ficcional e especulativo, que expõe uma realidade frágil e simultaneamente cruel. Cru tem uma base teórica nos campos da Fenomenologia e da Filosofia Feminista da Ciência e os seus interesses incluem Neo-Escatologia, Maquinaria, Química e Neo-Materialismo.

Derek Jarman foi um inovador cineasta, pintor, escritor e ativista pelos direitos queer britânico, conhecido pelos seus filmes de 35 mm e super-8, muitas vezes combinados. A sua prática, estratificada e simbolicamente densa, recorre à filosofia e literatura, bem como à sua própria autobiografia, para interrogar criticamente o mundo à sua volta.

Dominique Knowles nasceu nas Bahamas, estudou pintura na School of the Art Institute of Chicago, e vive em Paris. Desde criança que pratica arte equestre, sendo que o seu trabalho de pintura, em paralelo com o filme, está incrivelmente ligado ao companheirismo interespecies. A poética das suas obras são de uma escala épica, mas também de uma narrativa íntima. Nos seus filmes explora recortes de documentários sobre natureza, prestando homenagem a seres-animais afetivos no nascimento, ou empáticos no luto.

A investigação do filósofo e escritor italiano Federico Campagna combina metafísica, teologia e estudos culturais, com o propósito de explorar estratégias fundamentais para a emancipação no século XXI. As suas publicações mais recentes incluem *Cultura Profética* (2021) e *Técnica e Magia* (2018). Trabalha na editora radical britânica/americana Verso Books e na editora de filosofia italiana Timeo.

É Frances Yates Fellow no Instituto Warburg, em Londres, e Critical Fellow nas Escolas da Royal Academy, Londres. É o anfitrião do podcast literário *Overmorrow's Library*, produzido pelo Centre for Contemporary Arts de Genebra.

O artista Giles Round trabalha em várias disciplinas, incluindo arte, design e arquitetura, através de uma vasta gama de técnicas e abordagens. Muitas vezes assumindo a forma de projetos abertos e de longo prazo nos quais as próprias exposições se tornam o meio, os trabalhos de Round têm produzido tanto organizações e empresas como obras de arte. Através destas, ele cria molduras conceituais para interrogar o papel do artista como agente de transformação.

Hatis Noit é uma intérprete vocal japonesa oriunda da península de Shiretoko, atualmente a viver em Londres. De formação autodidata, encontra inspiração na música clássica japonesa e estilos operáticos, cantos gregorianos, vocalistas vanguardistas e da cultura pop. O nome Hatis Noit remete para o folclore japonês e significa o caule da flor de lótus. Numa ligação entre o mundo vivo e o mundo espiritual, a música e voz de Noit transporta-nos para o outro lado - o lugar do passado, da memória e do subconsciente.

A prática multidisciplinar de Himali Singh Soin opera a partir de metáforas do ambiente natural para construir cosmologias especulativas que abordam as relações entre a vida humana e não-humana, ajudando-nos a compreender como ser. Utilizando ferramentas científicas, literatura antiga e conhecimentos intuitivos, ancestrais e alquímicos, Himali explora a poética da distância alienígena e a intimidade terrestre, repensando ideias de nativismo, nacionalidade, niilismo e cultura.

Mariana Caló e Francisco Queimadela colaboram enquanto dupla desde 2010. A sua prática desenvolve-se a partir da imagem em movimento, materializando-se através de filmes e ambientes imersivos e *site-specific*, em conjugação com o desenho, a pintura, a fotografia ou a escultura. O diálogo entre o biológico, o vernacular e o cultural são elementos recorrentes na sua investigação, atuando como símbolos para interpretar e se relacionar com o mundo.

Nahum é um artista e músico com um trabalho multidisciplinar que inclui performance, instalação, vídeo, pintura e a palavra. Nahum produz obras que apontam diferentes formas como nos envolvemos com o universo. A sua obra revisita a tecnologia espacial, cosmologia, ilusionismo e até hipnose, desafiando a percepção sobre a existência e o que nos rodeia. Fundou o Instituto KOSMICA, uma organização espacial centrada nos discursos culturais das actividades espaciais e no seu impacto no planeta Terra.

Nicola S. Clayton é Professora de Cognição Comparativa no Departamento de Psicologia da Universidade de Cambridge e membro da Royal Society. Clayton está particularmente interessado nos processos de pensamento com e sem palavras, e nas capacidades cognitivas entre os membros da família dos corvos, dos moluscos cefalópodes e também nas crianças. É também Artista Associada na Rambert, a mais prestigiada companhia de dança itinerante do Reino Unido.

Onome Ekeh é escritora e designer de ficção especulativa. Nascida e criada nos dois lados do Atlântico, começou como pintora, gravitou para o design, e depois apaixonou-se pelo cinema. Algures na colisão, submergiu no mundo digital e descobriu a Inteligência Artificial. Produz obras que abrangem o cinema, o vídeo, o teatro, a literatura e a rádio. Atualmente é professora na FHNW Academy of Art & Design em Basileia, Suíça.

Rain Wu é uma artista e arquiteta taiwanesa residente em Londres, que tem vindo a focar o seu trabalho na alimentação enquanto meio físico e conceptual. A sua prática materializa-se em diferentes formas e escalas: do desenho, à escultura, passando pela performance, filme-ensaio e instalação arquitetónica. Seguindo os traços geográficos, políticos, cosmológicos e microbianos dos alimentos, o seu trabalho discute as relações entre o consumo de alimentos, a digestão de culturas, o mapeamento de terras e a recordação dos mitos, através de projetos sobre chá, pão e micélio.

Rosalind Fowler desenvolve a sua obra através do filme, da performance, do som e da instalação. A sua prática situa-se na intersecção entre o pensamento artístico contemporâneo e a espiritualidade, utilizando processos e abordagens rituais para sintonizar, reencantar e reimaginar as relações entre humanos e mais-que-humanos, em tempos de incerteza ecológica e social.

Sophie Lunn-Rockliffe é historiadora e professora associada de Patrística na Divinity Faculty da Universidade de Cambridge. O seu estudo centra-se nas religiões da antiguidade tardia, com particular enfoque na vida, pensamento e literatura cristã do segundo ao sexto séculos d.C. Atualmente, a sua investigação debruça-se nas ideias ancestrais assentes na figura do diabo e dos demónios, concentrando-se em noções de influência e ação diabólica.

Yussef Agbo-Ola é fundador e diretor criativo do estúdio de design, arte e arquitetura Olaniyi Studio, em Londres. A sua prática multidisciplinar centra-se na interpretação de sistemas de energia natural, através de experiências interativas que exploram possibilidades de conexão em ambientes sensoriais. O resultado da sua investigação manifesta-se nas mais diversas formas, propondo a expansão da consciência ecológica através de templos poéticos de contemplação ambiental, e da imaginação especulativa.

THE SHAPE OF A CIRCLE IN THE DREAM OF A FISH

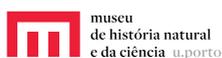
Curadoria **Lucia Pietroiusti e Filipa Ramos**

Co-produção **Galeria Municipal do Porto e Serpentine Gallery**

Parceria **Galeria da Biodiversidade – Centro Ciência Viva/MHNC-UP**

Identidade Visual **Giles Round**

Catering **Maria Dentada**



GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente **Rui Moreira**

Diretora Artística **Filipa Ramos**

Diretora Executiva **Sílvia Fernandes**

Curador Sénior **Juan Luis Toboso**

Projeto Educativo **Matilde Seabra (Coord.)**

Assistente de Curadoria **Isabeli Santiago**

Coordenadora de Produção **Patrícia Vaz**

Coordenador Técnico **Paulo Coelho**

Comunicação **Tiago Dias dos Santos (Coord.)**, **Hernâni Baptista**

Frente de Casa e Relações Públicas **Patrícia Coelho**

Assistente de sala **Rui Braga**

Montagem e apoio à produção **Armando Amorim**, **Carlos Lopes**

Assistente Administrativa **Juliana Campos**

ÁGORA — CULTURA E DESPORTO DO PORTO, E.M.

Presidente do Conselho de Administração Catarina Araújo

Administradores Executivos César Navio, Ester Gomes da Silva

Secretariado da Administração Liliana Gonçalves

Direção de Gestão de Pessoas, Organização e Sistemas de Informação Sónia Cerqueira (Dir.), Cátia Ferreira, Elisabete Martins, Helena Vale, Joana Ngola, João Carvalhido, Jorge Ferreira, Madalena Peres, Márcia Gonçalves, Paulo Cardoso, Paulo Moreira, Ricardo Faria, Ricardo Santos, Ruben Almeida, Sandra Pinheiro, Vânia Silva

Direção de Serviços Jurídicos e de Contratação Jorge Pinto (Dir.), Amanda Leite, André Cruz, Eunice Coelho, Francisca Mota, Filipa Faria, Filipe Barbot, Jorge Almeida, Pedro Caimoto, Leonor Mendes, Luís Areias, Márcia Teixeira, Marta Silva, Sofia Rebelo, Tiago Abreu

Direção Financeira Rute Coutinho (Dir.), Alexandra Espírito Santo, Ana Rita Rodrigues, Fernanda Reis, Manuela Roque, Mariana Vilela, Marta Nogueira, Sandra Ferreira, Sérgio Sousa, Simão Sousa Branca, Sofia Barbosa, Sónia Pinto

Direção de Comunicação e Imagem Bruno Malveira (Dir.), Agostinho Ferraz, Catarina Madruga, Francisco Ferreira, José Reis, Maria do Rosário Seródio, Pedro Sousa, Rui Meireles, Sara Oliveira

And yet, it's not hopeless (página 13), um projeto de Nahum Studios @nahumartist

Director Artístico Nahum
Programador Criativo Merlin Carter
Escritora e Poeta Giulia Ottavia
Cientista Geospacial Viktoria Viktoria Dergunov
Editor de Vídeo Manuel Díaz

Stories From Home é possível graças ao generoso apoio de
Hong Kong Arts Centre, Cultural Masseur, Karman Project, Berlin Neustart Kultur

Aura (página 16), videoinstalação de Hatis Noit
Todos os filmes de arquivo restaurados são cortesia do BFI National Archive

Direção Criativa Christopher Thomas Allen e Tim Cowie
Produção Christopher Thomas Allen e Youki Mikami
Filmagem e Edição Christopher Thomas Allen
Animação Tim Cowie e Louis Walters
Consultoria Técnica Special Circumstances
Desenvolvimento de Software Artists e Engineers

Agradecimentos especiais a Noriko Okaku e Robert Rath

SERPENTINE

**GALERIA
MUNICIPAL
DO PORTO**

Porto.